

ALGUNS PROBLEMAS DE NOSSA AGRICULTURA

*Conferencia realizada durante a VI.a Exposição Nacional de Pecuaria pelo
Prof. CARLOS TEIXEIRA MENDES, — como representante do
Syndicato Agronomico do Estado de São Paulo*

Nos paizes novos como o Brasil, em regiões favorecidas por certos factores como o nosso Estado, o progresso é e tem que ser desordenado, por vezes tumultuario.

Não ha previsão bastante capaz de abarcar periodo dilatado; nada do que se constróe pode ter character definitivo; aquillo que hoje se nos afigura bastante ou grandioso, pode se tornar mesquinho amanha.

Os exemplos de lances de larga visão terem sido logo ultrapassados pela realidade, são innumerados entre nós.

O progresso é desordenado, repito e, por vezes, tumultuario.

Dahi, mais que em outros paizes, a superveniencia constante de "problemas" exigindo solução, ás vezes immediata; todos os dias assistimos ao apparecimento de novos casos.

Notae o que se dá com o algodão ou com as fructas: por causas varias, das quaes convem salientar a queda cambial, tornaram-se fontes promissoras de renda.

Corre de encontro ás mesmas o agricultor que trabalha de sol a sol; voltam-se para ellas os governos, na esperança fagueira de attenuar os deficits, de prehencher os claros de outras fileiras periclitantes em consequencia da superprodução ou da concorrência extranha.

A promissora fonte, inesperada ás vezes, exige providencias, exige as atenções dos que nos governam.

Trazem comtudo, em seu bojo, surpresas inesperadas: as necessidades dos mercados exigem producto uniforme, — apela-se para a selecção; a planta encontra inimigos, — clama-se por institutos especializados; — as terras não offerecem as mesmas condições por toda a parte, — lembram-se do estudo do solo.

São phenomenos logicos e inevitaveis que exigem certas organizações, mas estas não podem ser improvisadas sem perdas sem uma tal ou qual desordem.

Tudo decorre semelhantemente a uma mobilisação em paiz pouco affeito aos rigores militares.

E dahi não se conclua o que muito commumente costumamos dizer: tudo está errado.

Nem tudo está errado; poderíamos talvez, em muitos casos, fazer melhor, mas não desdenhemos o que temos, nem de tudo culpemos os que nos dirigem. Elles são culpados de muito, mas não de tanto.

E' preciso um pouco mais de comprehensão e, acima de tudo, um pouco mais de optimismo.

Temos commettido muitos erros.

Teriam sido sempre evitaveis ou serão elles, em grande parte, o tributo infalivel que têm de pagar todos os povos de organização incipiente?

Não o sabemos nem nos propuzemos a discutir esse assumpto neste momento.

Tratemos portanto, somente do que temos em vista.

* * *

O que desejo neste momento é simplesmente chamar a vossa atenção para alguns dos problemas com que deparamos na actualidade.

Notae como a cultura do algodoeiro tem sido fluctuante em nosso Estado.

Desde o periodo colonial vem ella "se iniciando" entre nós. "Se iniciando", eu digo, porque, em nosso Estado, nunca teve o character de estavel em escala apreciavel.

Expande-se, desenvolve-se em consequencia da guerra da Successão na America do Norte, para, pouco depois, recahir no marasmo em que sempre viveu, na crise continua em que sempre se arrastou, limitando-se a uma pequena zona de nosso Estado, até ás vespervas de outra guerra — a Confragação europea — quando por motivos sobejamente conhecidos, revive outra vez e, de novo, logo recahe na primitiva apathia.

Eis que mais uma vez volta a se intensificar entre nós e agora com outro cortejo de possibilidades: novos mercados consumidores que se deslocaram de seus primitivos centros; producto muito melhorado e offerecendo poderosa arma de competição — a qualidade; amparada por serviço tecnico que pouco ou nada deixa a desejar e promette muito mais.

A perspectiva é bem outra que a de tempos passados e permite muito optimismo, desde que o não exageremos.

Muito se fez e ninguem ousará diminuir naquelles que o conseguiram, mas não tenhamos illusões, — ha muito mais a fazer. Sinão vejamos.

No ponto em que chegamos, verificada a poderosa contribuição que o algodão está nos trazendo, é justificavel a seguinte pergunta:

Tornar-se-á o algodoeiro, planta de cultura estavel em *grande escala*, no Estado de São Paulo, ou voltará á sua primitiva e pequena importancia de ha bem poucos annos?

Ha optimistas que pensam podermos exportar *varios* milhões de fardos e, no entanto, delles discordamos se quizerem fazer ultrapassar esses “varios” de muito mais que *dois milhões*.

Assim explicamos a nossa divergencia,

O grandioso surto de expansão que essa cultura acaba de revelar, essa febre de plantar algodão é o producto de duas causas principaes e coincidentes: em primeiro lugar a queda cambial que nos traz a illusão de altos preços para esse producto e, em segundo lugar, a crise cafeeira que, não permitindo ao fazendeiro pagar melhores preços ao colono, o deixa propenso a aceitar as offertas do cultor da malvacea.

Mas, pensemos um pouco: a baixissimo cambio, que mal esbarrava na casa dos *tres* (e isso mesmo porque estamos ma-

nejando com a libra papel) estava-se pagando, no interior do Estado, a arroba de algodão em caroço a 20\$000.

O mercado regulador dos preços, nesse momento, contava esse producto nas visinhanças de 6 p. por libra de producto beneficiado e posto lá.

Sem entrar em detalhes de commercio, porque não estamos ao par delles, digamos que dias depois e porque em Liverpool o nosso algodão apenas caminhava para a casa dos 7 p., para as suas melhores qualidades, no interior elevava-se immediatamente o seu preço á 25\$000 (isto em fins de Março), sem se discutir, como é de costume, sobre as boas ou más qualidades do producto. Poucos dias depois um recuo nos preços daquella praça ecoava entre nós fazendo voltar esse preço ás visinhanças de 20\$000.

Raciocinemos agora assim: se a cambio de *tres*, sobre a *libra papel*, só se pode pagar 20\$000 por arroba, se elle estiver a 6, em Liverpool, ou 25\$000 se elle for cotado nas visinhanças de 7, quer dizer que, mesmo mantido o estalão de 7, elle viria a valer 12\$500 approximadamente se o nosso cambio fosse a 6.

Até ahi nada de mais, pois ainda seria uma cultura remuneradora para a maioria ou, pelos menos, para grande numero de agricultores.

Podemos porem antever duas hypotheses desfavoraveis, sem imaginar preços mais baixos em Liverpool, caso esse que constituiria uma terceira hypothese, menos provavel, mas não impossivel.

Não compliquemos porem os casos e fiquemos somente com os dois primeiros e que são :

1.º) — O nosso cambio pode continuar a subir porque o 6 que estamos imaginando é uma illusão, está se referindo á libra papel, quando o mil réis, por seu valor intrinseco só estará ao par, a essa taxa, si em relação ao ouro e, portanto, o *6 real* seria equivalente a mais de nove de nossos dias.

Não será preciso vos lembrar que o nosso *6 real* é realmente $5 \frac{57}{64}$.

Admittamos essa hypothese e digamos que, nesse caso, o algodão valerá, no maximo, 8\$000 a arroba em caroço, caso em que o desanimo sobreviria.

Dirão os optimistas que se a Inglaterra tornar ao padrão ouro, restar-nos-á o recurso de, mais uma vez, quebrar o nosso padrão.

Tantas vezes vae o cantaro á fonte que uma vez lá fica. A desmonetisação já levou varios povos á miseria e ao desespero; um dia tocará a nossa vez.

E' preciso cessar essa mania de recuar na esperança de estabilisar.

O cambio não se contorna — enfrenta-se.

2.º) — A segunda hypothese seria que de par com relativa elevação de cambio, se proporcionassem melhores dias ao cafeeiro. Uma dupla concorrência atingiria o algodoeiro: a provavel baixa de preços e a falta de braços, porque o café offerece ainda maiores seguranças.

* * *

Não vamos encarar as difficuldades creadas pelos inimigos do algodoeiro, porque contra elles já ha remedios — a organização e a tenacidade; nem pretendemos estudar outros factores difficultadores da marcha ascendente de nossa produção. Desejamos apenas salientar as causas principaes que podem nos trazer a decepção.

Começaremos por dizer que não compartilhamos de tanto optimismo de ver São Paulo produzindo e exportando *milhões* de fardos, pelos seguintes motivos:

1.º) — Comquanto se alardeie por ahi que São Paulo já produziu *um milhão de fardos*, não é verdade. O que São Paulo produziu de facto, em 1936, são 177 milhões de kilos, o que equivale realmente a *800 mil fardos* ou muito pouco mais. O mais é estatística, não para inglez ver, mas para nos illudirmos a nós proprios.

2.º) — Porque mesmo que admittissimos uma safra melhor para este anno, o que é pouco provavel — quando tudo se fez para a obtermos, a despeito das más condições de tempo, de 220 milhões de kgs., ahi teriamos e só então, alcançado o *1.º milhão de fardos*.

Nas condições actuaes, principalmente de braços, não esperemos ir muito alem, mas sejamos optimistas e digamos que com o afluxo de operarios do Norte, com esforços de organização e de technica, vencemos todas as difficuldades e atinjamos o dobro desse milhão.

Teremos produzido muito e teremos tambem motivos para nos ufanarmos com a victoria, mas não exageremos; não esperemos muito mais que isso a não ser em dois casos: uma alta evidente no valor ouro da mercadoria, o que tem havido e é possível e mesmo provavel que se dê de novo, ou uma modificação completa na phisionomia economica de nosso Estado, uma derrocada completa, por exemplo, da cultura cafeeira.

Esta então nos atiraria nos braços do algodão, mesmo a preços muito mais baixos do que os de hoje.

3.º) — Porque muitas das culturas do algodoeiro que se estão fazendo por ahi a fóra, são feitas desordenadamente, sem methodo, para aproveitar a alta momentanea, e não têm, nem podem ter, um caracter de resistencia aos primeiros pronunciamentos de baixa.

4.º — Em quarto lugar, duvidamos dos *varios milhões* de fardos que possamos produzir e exportar por efeitos de um raciocinio muito simples: toda a cultura cafeeira de São Paulo, esse oceano de cafezaes que concretisa o esforço de um povo inteiro em 150 annos de trabalho, esse *bilhão e quinhentos milhões de cafeeiros*, não occupa uma area superior a *um milhão de alqueires paulistas de terra*.

Notaes bem, apenas e no maximo, *um milhão de alqueires*.

Agora vou me munir de todo optimismo e dizer que se chegassemos á perfeição de produzir *4 fardos*, isto é, 884 kgs. de pluma por alqueire, ou seja quasi 200 arrobas (ou mais exactamente, 195 arrobas) nessa mesma area, seriam necessarios, na melhor das hypotheses, *um milhão de alqueires de terra* para termos 4 milhões de fardos.

Mas haveis de concordar commigo que a media de 200 arrobas por alqueire, em tão vasta superficie, difficilmente seria alcançada.

Mesmo com ella, mesmo que a admittamos, seria preciso vermos, no Estado de São Paulo, um oceano de algodoes igual ao de cafezaes, para termos produzido esse numero de fardos, ou seja, muito provavelmente esses varios milhões antecipados pelos nossos optimistas.

Não creio, não posso crer que isso se realise sem primeiro se ter verificado uma das duas hypotheses atraz figuradas: ou uma elevação evidente no valor ouro do algodão, ou uma mudança completa na physionomia economico-agricola de nosso Estado.

Nem se diga, por isso, que não podem ser constatadas: a primeira, por causas varias e principalmente se um desastre viesse attingir a cultura americana, não como o de 1861-65, mas como o que ha pouco assolou a região cerealifera d'aquella nação; a segunda, tambem por causas varias, dentre as quaes uma praga como o "Stephanoderes" ou praga peor ainda como a politica de economia dirigida que estamos trilhando.

Ora, eu vejo dois antagonistas se defrontarem — o cafeeiro e o algodoeiro — e não creio na victoria do segundo sobre o primeiro se não for este a victima de uma catastrophe, caso em que poria o braço á disposição do algodão.

Neste caso podemos suppor qualquer numero de fardos; do contrario não será tão facil, nas circumstancias actuaes, attingir a metade daquelles 4 milhões de fardos.

Não foi entretanto bem esta a these que nos serviu de ponto de partida.

A pergunta que fizemos, foi se se tornará ou não a cultura do algodoeiro, *em grande escala*, permanente no Estado de São Paulo.

Observae como todas as vezes que ha grande elevação de preços, essa cultura invade todos os municipios e todos os typos de terra, inclusive os menos proprios; não respeita fronteiras nem preferencias.

E observae tambem como quando sobrevem a baixa, ella se retrahе, como que humilhada, abandonando as *zonas ricas* do Estado e se restringindo á sua *antiga* zona, aquella da Sorocabana ou pouco mais.

Duas as causas principaes: o algodoeiro prefere, de um modo geral, as terras silicosas e teme a "sombra" do cafeeiro.

Se terras silicosas e proprias ha por todos os municipios, nem por toda a parte o cafeeiro lhe move concorrência.

A preços altos o algodoeiro é que é o concorrente, por vezes um intruso; a preços baixos não supporta a guerra do cafeeiro.

Deste modo podemos encarar a nova grande cultura sob dois prismas diversos: se cultura permanente, temos que a encarar como mais uma riqueza real e, mesmo que a principio incommode o cafeeiro, hão de depois se entender porque ha espaço para ambos; se cultura momentanea, cahindo em apathia depois de alguns dias de grandeza, só podemos nella ver uma desorganizadora de nossa grande industria cafeeira.

Pois bem, é preciso, é absolutamente indispensavel, que esta segunda hypothese se não verifique. Precisamos trabalhar para que essa nova cultura vá se adaptando, vá progredindo, ainda que lentamente, até attingir aquelles *varios milhões* de fardos tão almejados, e que não mais retroceda do ponto que attingiu.

Porque e como?

O "porque" é facil; o "como" é mais difficil.

A cultura algodoeira precisa ser amparada e cuidada em nosso Estado, pelo menos, pelos seguintes motivos:

1.º) — Porque é mais uma cultura e portanto mais um elemento de vida economica, sob todos os pontos de vista; é mais um passo dado para á polycultura.

Observae o seguinte phenomeno de alta relevancia para a these que defendemos (1): até 1930 a capacidade acquisitiva do Brasil guardava estreita correlação com a exportação do café.

De 1932 para cá esse poder como que se libertou do elemento principal de nossa exportação para crescer e se manter em sentido contrario ao da exportação daquelle producto.

Só se poderá ver nesse phenomeno o augmento de importancia de outros elementos de exportação e não é possivel negar que o algodão se destaca dentre elles.

(1) "O Estado de S. Paulo" de 30 de Abril de 1937.

Ora, se já ha um producto que se propõe a substituir o café em seus desfallecimentos, ninguem poderá negar a grande importancia de sua cultura e a necessidade de a defendermos.

2.º) — Porque se adapta perfeitamente a uma grande região do Estado, menos procurada por outras plantas e principalmente pelo cafeeiro e, como nessa região, a muitas outras manchas de terras de outras zonas.

O algodoeiro é uma das plantas, que em cultura racional, mais pode valorisar grande parte de nossas terras silicosas, as quaes, infelizmente, occupam a maior parte da superficie de nosso Estado.

O algodoeiro será chamado a ir conquistando as terras desse typo que, ou por serem melhores, ou por irem sendo abandonadas pelo cafeeiro, se prestam a essa cultura.

3.º) — Porque é uma cultura que exige pequeno capital e quando feita racionalmente, pode enriquecer o pequeno agricultor.

4.º) — Porque alimenta uma industria imprescindivel em uma nação civilisada.

Certo ou errado, o Brasil enveredou pelo caminho da industria e São Paulo tem que ser o seu principal centro.

A antiga industria textil, filha do proteccionismo, tornou-se real entre nós. De protegida passou a nacional, de filha adoptiva passou a ser legitima. Só nos cabe aperfeiçoal-a.

5.º) — Porque mantendo a producção de um oleo vegetal perfeitamente comestivel, se constitue em regulador dos preços das "gorduras".

Todas as nações têm, na producção das "gorduras" um de seus mais serios problemas.

O brasileiro do Sul vive mais da banha e do toucinho, e n'isso tem um dos maiores encarecedores de sua vida.

E' preciso manter um oleo, como o do algodão, em sua concorrência porque, do contrario, o preço daquelles attinge, como tem attingido por vezes, limites exorbitantes, tornando insupportavel a vida do pobre.

6.º) — Porque o residuo dessa industria constitue bom auxiliar na alimentação do gado, nas criações intensivas.

Eis porque, pelo menos por esses seis motivos principaes, nós somos obrigados a defender a implantação da cultura do algodoeiro, entre nós, em grande escala e sob forma permanente.

* * *

Agora, meus Sns., o "Como".

O maior erro que cometemos é de suppor que o algodoeiro, por ser planta tropical, se adapta igual e indiferentemente a todas as zonas e terras do Estado.

Mesmo se admittindo um unico e mesmo clima para todo o Estado, — o que tambem não é muito verdadeiro, — mesmo nesse caso, temos a questão das terras.

Terras argilosas e até excessivamente argilosas com impregnação exagerada de humidade nos mezes mais chuvosos do anno, como essas que provem do gneis em toda a região de leste, fronteira de Minas; terras "roxas" com as suas mil variações, desde as muito argilosas e de textura granular até as argilo-silicosas; terras de arenito, coloridas ou não; terras de quasi pura areia de granito; terras de todas as texturas e de todas as composições e de todas as cores.

Já alguém comparára a crosta do Estado de São Paulo a uma pelle de onça, tão "manchada" se revela.

Manchada como ella é, ninguém conceberá portanto que com uma ou algumas variedades de algodoeiro, possa elle ser cultivado em tamanha diversidade de condições.

Notae a diversidade de praticas que adoptam as varias regiões cafelistas do Estado, para verdes que isso é o producto da diversidade de condições mesologicas, reflectindo-se principalmente sobre a maturação dos fructos. Ora, se para o cafeeiro, planta rustica e quasi livre de molestias, o clima assim influe, com mais razão para uma planta muito mais sensivel e atacada como o algodoeiro.

Eis portanto o problema maximo: a obtenção de variedades proprias para cada situação. E' essa aliás a finalidade maxima da Genetica.

Não teremos apenas que produzir as variedades ou 'linhagens', trabalho esse que, por si só, já é immenso; teremos que comparal-as e proval-as.

Logo a seguir, outras questões paralelas: o algodoeiro é planta muito exigente e, em virtude de tamanha diversidade de terras, o estudo das adubações mais adequadas, se torna complexo e demorado; seus inimigos são muitos e seu combate é campo vasto para estudos prolongados.

E assim, para que tenhamos uma cultura estavel e em grande escala, a preços muito mais baixos que os de hoje, em condições de poder competir com seus concorrentes, no mercado internacional, muito temos ainda que fazer.

Aos institutos technicos é que cabe promover esses trabalhos, mas não tenhamos pressa, serão lentos e não ha como abrevial-os.

Antes de terminarmos porem este capitulo digamos tambem que o mais decisivo passo para a victoria, ao lado da obtenção de linhagens melhoradas, já foi dado — o controle da distribuição das sementes pelo Estado. Unico meio de se evitar a destruição do trabalho technico, e a barafunda de typos.

Pois bem, meus Snrs., varias são as hypotheses que podemos formular em relação ao futuro da cultura do algodoeiro em nosso Estado: assim como, por motivos varios, pode ella se tornar de primeira grandeza entre nós, e tudo devemos fazer para assim tornal-a, pode vir a soffrer egual collapso aos que já tem soffrido em seu passado.

Tudo que concorrer para a implantação da polycultura entre nós, deve ser amparado e procurado.

* * *

Nesse afan de progredir porem, nessa lucta de crear novas riquezas que, acima de tudo, é uma lucta defensiva, o ardor da peleja nos faz esquecer e ser ingratos — ingratos e imprevidentes — em relação ao cafeeiro, esse grande calumniado, esse protegido perseguido, esse colosso com pés de barro.

Grande por todos os motivos, tem sido o desbravador dos sertões, tem sido essa usina de trabalho e de energia,

essa escola donde sahem as levas de operarios para todas as outras actividades de nossa vida.

Grande porque sempre constituiu e ainda é a espinha dorsal de nossa economia, grande por todos os motivos, ainda não foi comprehendido.

Não o esqueçamos e muito menos o desprezemos porque constitue ainda a maior grandeza do Brasil.

* * *

Protegido pela obra arrojada de Jorge Tibiriçá, que teria sido grandiosa se não se prolongasse, se não tivesse se repetido tantas vezes e, ao contrario, tivesse sido completada por organizações de previdencia e não de emergencia, como as que se lhe seguiram, passou de protegido a perseguido pelo fisco e pelas necessidades decorrentes das proprias valorisações e elle — o cafeeiro — se acha hoje reduzido a escravo do proprio circulo vicioso que creou, circulo de fogo em que o melteram e que o ha de exgottar até a ultima gotta de vigor que ainda possui.

* * *

Os doutores de nossas actividades economicas, nos aconhegando com a Colombia e outros concorrentes, vivem a aconselhar que se produza *melhor e mais barato*.

“Melhor” é viavel, “Mais barato” é quasi impossivel. O fazendeiro já chegou até onde podia chegar ; já recuou até onde podia ter recuado.

E deste modo eu vejo, para a salvação de nossa lavoura, ou melhor, para a sua victoria na concorrencia com os paizes que estão ganhando terreno nos grandes mercados, só um meio : melhorar a qualidade do producto.

E não se diga que não ha muito a fazer.

Não chegaremos aos exageros de alguns dos nossos technicos que proclamam o nosso café como o peor do mundo. Reconhecemos que elle é bom, mas pode ser ainda melhor.

O fazendeiro paulista dedica todos os seus cuidados ao cafezal. Exagera, ás vezes, e não cuida do café no terreiro, com desvelos proporcionaes.

Aqui é que está, a nosso ver, e salvo melhor juízo, um campo enorme de pesquisas e de realizações.

Sem ser preciso abandonar o cafeeiro, entendo que podemos dedicar muito maiores cuidados ao "café" propriamente, ao café no terreiro.

Não pretendo tomar vosso precioso tempo com detalhes do que imagino; desejo apenas e muito superficialmente chamar vossa atenção para o muito que ainda temos a realizar na parte mechanica do beneficio do café.

A titulo de exemplo, lembrar-vos-ei, o que aliás é muito sabido de vós, que o maior inimigo do café brasileiro é o "verde".

Eliminal-o com o methodo de colheita que se preconisa é quasi utopia; separal-o por outros meios manuaes é ainda dispendioso.

Volvamos então nossas vistas para o lado da mechanica e procuremos nessas mil ideias e invenções ultimamente apparecidas, como os separadores de Lunardelli e de Castro, no "Peneirão" e tantos outros, os meios de seleccionar os fructos antes da sécca e antes do beneficio.

Repito que é na mechanica e no tratamento do café, depois de colhido, que devemos procurar processos praticos, viaveis, de melhoria de nossos typos. Tudo o que se fizer nesse sentido será mais um passo dado para a victoria.

* * *

Se me perguntasseis agora, que relação existe entre essas considerações todas e a melhoria de nossos gados, que hoje se commemora, eu vos responderia assim:

A era pastoril prescedeu, em outros tempos, á era agricola propriamente dita.

E isto sempre que as condições de epocha e de meio impuzeram a criação extensiva.

Desde porem que as populações augmentam, desde que as terras se elevam de preço, notae, que a pecuaria racional se desenvolve ao lado e muitas vezes depois da agricultura.

Observae como os cafezaes, depois de terem attingido seu apogeu, recuam para dar logar ao boi, até limites em que se estabeleça o equilibrio economico entre planta e animal.

O boi de raça, no Estado de São Paulo, appareceu e só prosperou á sombra do cafeeiro. Foi o fazendeiro de café, muito antes que o proprio Estado, que se propoz a nos dar uma pecuaria de valor.

E hoje será a pecuaria adeantada que terá de nos fornecer o elemento principal da resurreição das zonas velhas.

A pecuaria paulista ha de se resumir a duas modalidades: a do typo invernista e a do typo de animaes de alto valor. Para a pecuaria em massa, ou melhor, para a criação extensiva, em breve faltará a terra.

E é por isso que vos digo que salvar o café. será um dos motivos do progresso de nossa pecuaria.

E' preciso, repito, não esquecer o cafeeiro por outra cultura qualquer, é preciso ampararmos aquillo que tanto nos deu e ainda pode nos dar e por isso permitti que, mudando de assumpto e para finalizar, eu vos diga tambem que não acredito em nada, não acredito nos esforços de todos esses luctadores isolados, não acredito nos fructos de todo esse trabalho, se não mudarmos immediatamente de direcção na politica economica que estamos seguindo.

Não posso comprehender que com ella, se construa qualquer cousa de estavel ou de proveitoso.

Se não mudarmos de rumo, estaremos trabalhando em pura perda, estaremos representando o papel das Danaidas, enchendo um tonel sem fundo.

* * *

Conta-se, meus senhores, que em tantos de Setembro de 1914, no mais arduo da batalha do Marne, quando periclitava a sorte da França e talvez do mundo inteiro, Joffre, o grande capitão, mandou que ás 7 horas da tarde, todos os seus generaes lhe dessem, com precisão, a posição de seus exercitos.

Foch, o braço direito daquelle cabo de guerra, á hora aprazada, telegraphava assim: minha direita recuando, a esquerda quasi desbaratada e o centro em riscos de ser envolvido. Posição optima; amanhã avançarei.

E avançou e venceu!

E' essa, precisamente, meus Senhores, a posição de nosso café: tendo pela frente a concurrencia sob varias formas, é ainda esmagado pelo absurdo das taxas que paga.

E' preciso avançar, com a decisão de um Foch, contra essa muralha de impostos que suffoca o nosso café e melhora-lo para vencer.

Salvar o café para salvar a pecuaria, para nos salvarmos a nós proprios.

Carlos Teixeira Mendes

Consumo de leite na capital do Estado de São Paulo

Segundo os dados fornecidos pela 2.^a Secção do Departamento de Industria Animal do Estado de São Paulo, a população da cidade de São Paulo que regula 1.120.500 habitantes, consumiu as seguintes quantidades de leite, reespectivamente nos annos:

ANNOS	CONSUMO DE LEITE :		PROCEDENCIA DO LEITE CONSUMIDO :		
	Total por anno	Por dia e habitante	Estabulos no municipio	Granjas leiteiras no municipio	Importado do Interior do Estado
	Litros	Grammas	Litros	Litros	Litros
1934	44.754.153	113	15.695.000	657.000	32.402.158
1935	49.235.518	120	16.425.000	730.000	32.130.518
1936	51.201.275	129	17.132.880	1.362.320	32.155.575

Em 1936, apurou-se que o municipio de São Paulo possuia 2269 propriedades productoras de leite destinado ao consumo publico, contando todos elles 11.603 vaccas, 1660 touros e produzindo 49.630 litros de leite. — J. Marcondes de Mattos.